

O cirurgião e sua saúde.

Do livro "Filosofia da Cirurgia"
de Henrique Walter Pinotti

No passado, o cirurgião e outros especialistas de destaque ocupavam nível social alto; hoje, são considerados cidadãos de classe média, trabalham muito mais e ganham menos. No cotidiano, o cirurgião, além das atividades profissionais, tem preocupações com suas responsabilidades e contas familiares. Os que vivem nas grandes cidades são obrigados também a enfrentar a turbulência da movimentação e a angústia do trânsito estagnado.

No trabalho tem que se haver com todos os problemas e dificuldades inerentes à convivência com pacientes e seus familiares. Os cirurgiões que militam no setor público ganham mal e, além da ausência de planos de carreira e de ajustes de salários, enfrentam os problemas da inexistência de meios adequados para exercer o trabalho. Gastam muita energia ao enfrentar a competitividade dentro da profissão para emergir e manter a sua posição, na disputa por seus direitos e na opressão determinada pelos baixos salários e honorários impostos por empresas de convênios para as consultas e operações e no cerceamento de seu trabalho. Estes elementos adversos montam a arquitetura da sua grande carga emocional. Muitos cirurgiões têm abraçado o regime de plantões, atividade crescente entre eles, bem como o número de suas cargas horárias. O CFM (2004), no seu relato "O médico e seu trabalho", principalmente, pelo desgaste físico e emocional provocado, considerou-o como "condição nefasta, embora necessária" para o médico.

No capítulo "O cirurgião: formação profissional", neste livro, foram assinalados os fatores que interferem negativamente no desempenho profissional do cirurgião, entre eles os problemas físicos, como estado de fadiga pelo excesso de trabalho, além da obesidade e do abuso de álcool e consumo de drogas. Por isso, a questão da saúde dos cirurgiões constitui preocupação constante de médicos dirigentes de serviços e das entidades associativas.

A Fundação Oswaldo Cruz, a Fiocruz, em 1997, realizou inquérito entre 184.708 médicos de todo o país, concluindo que 79% consideraram a profissão desgastante. O Conselho Federal de Medicina também tem tomado iniciativas importantes como estudos e análises de interesse não só para médicos mas para a própria sociedade. Na sua recente divulgação, o Conselho Federal de Medicina (2007) informa que 85% dos médicos exercem duas ou mais atividades na profissão, sendo que 55,4% desempenham mais que três. Grande teor de médicos atua em mais de três locais, incluindo cargos, plantões variados, acarretando falta de tempo para estudo, impossibilidade de repouso adequado, ausência de férias anuais remuneradas e sem merecimento de aposentadoria como ocorre com juízes e políticos. É fato notório que toda essa carga de solicitações conduzida com muita pressão recai sobre o médico, determinando conseqüências sobre a sua saúde física e mental. Muitos não têm tempo para cuidar nem da própria saúde, como foi assinalado pela Dra. Alexandrina Meleiro no seu estudo "O médico como paciente". Na análise sobre a saúde do médico, conduzida pelo CFM, 7.700 médicos, de várias regiões do país, foram solicitados a responder a um questionário organizado. No levantamento final, foi verificado que 38,7% recebiam medicação para doenças cardiocirculatórias e/ou 20,9% para transtornos mentais e comportamentais, atribuídos ao gênero árduo de vida profissional, que provoca desgaste e exaustão física e psicológica, quadro conhecido como "síndrome do *burn out*". Foram também comprovadas no inquérito graves marcas orgânicas e mentais, com predomínio do estado de depressão ou ansiedade, com estafa e desânimo freqüentemente provocados pela desilusão e frustração de expectativas. Em conseqüência, advêm o uso de psicotrópicos e o abuso de álcool, bem como a ingestão excessiva de alimentos causando obesidade e diabetes. Esse espectro de alterações emocionais determina repercussões graves na vida familiar e sobre o próprio exercício profissional com sensação de incompetência no trabalho. O médico desprovido de autoconfiança no seu desempenho laborativo, quando não compreendido e não ajudado, acaba perdendo a confiabilidade dos colegas de serviço.

O cirurgião, física e psicologicamente, não está imune às afecções assinaladas. No Brasil, é vítima das deformidades da organização estrutural e funcional do Sistema Único de Saúde e da opressão capitalista e política da maioria das operadoras de saúde.

É vítima na luta pela sua sobrevivência. Sobra-lhe o conforto de ser coerente com a sua vocação e com seus valores éticos e morais.